

CLAIRE
LEGRAND



UMA COROA DE
HERA E VIDRO



CLAIRE LEGRAND

TRADUÇÃO LUCIANA DIAS

UMA
COROA
DE HERA E
VIDRO

1

NUNCA APRECIEI VISITAR A MINHA IRMÃ MARA, EMBORA EU A AMASSE tão loucamente que às vezes me via convencida de que aquele sentimento não podia ser realmente amor, mas alguma coisa muito mais sombria: culpa, vergonha, uma repugnância confusa e defensiva.

Nós a visitávamos toda terceira quarta-feira do mês — Farrin, o meu pai e eu. Pelos meios convencionais, seria uma viagem de quatro dias, terrivelmente enfadonha, ao centro do continente, onde a Névoa se estendia de costa a costa como um fervilhante rio prateado.

Felizmente — ou infelizmente, de acordo com Farrin —, ninguém na família Ashbourne podia ser descrito como convencional. Séculos antes, na época da Destruição, centenas de famílias foram escolhidas pelos deuses para receber sementes dos seus poderes e servir como protetoras de Edyn, o reino dos humanos. A nossa família foi uma delas — um dos grandes clãs Consagrados. Porém, mesmo entre os nossos pares, os outros Consagrados, nós nos destacávamos. Gerações de magos ilustres, investimentos inteligentes e manobras políticas ainda mais inteligentes eram responsáveis por essa situação — uma realidade que Farrin desprezava.

Eu não, embora nunca fosse admitir isso para ela. Admitir que na verdade eu gostava de fazer parte não só de uma família Consagrada, mas de uma das mais respeitadas do mundo, significava reconhecer a terrível verdade para Farrin. Sim, quando a Guardiã esteve na nossa casa, doze anos antes, ela viera buscar *a mim*. Sim, eu era a filha originalmente destinada a servir na Névoa do Meio — Farrin, a sucessora; Mara, a reserva; e eu, Imogen, a caçula, a supérflua. E sim, Mara tomou o meu lugar porque, no último minuto, o meu pai ficou preocupado que eu, como um bichinho frágil que sou, não me adaptasse àquela vida.

E sim, Farrin, claro que sei que não foi muito depois de Mara ter sido levada para a Névoa que a nossa mãe nos deixou, porque a tristeza é mais mortal do que veneno, diz o nosso pai, e faz com que qualquer um desmorone irremediavelmente, não importa a sua beleza, astúcia ou a intensidade com que é amado.

Os rumores atravessaram o país como tempestades. Ninguém podia acreditar; a pequena Mara Ashbourne tinha realmente convencido a Guardiã da

Névoa do Meio, pela primeira vez na história de que se tinha registro, a quebrar a tradição de recrutar a filha mais nova para servir na Ordem da Rosa. Mara Ashbourne insistira em tomar o lugar da irmã caçula, e a Guardiã *concordara*. E não era incrível que os Ashbourne, inclusive, tivessem três filhas, quando a maioria das famílias Consagradas era abençoada com apenas uma ou duas?

Era isso o que eu nunca poderia contar a Farrin — que eu *gostava* da bisbilhotice toda; apreciei até quando os nossos vizinhos ruminaram os nacos da nossa dor como se fossem bombons, mais leves do que o ar e facilmente esquecidos. Mesmo na época, eu gostei de como as pessoas sussurravam, faziam uma reverência e nos observavam com uma admiração fantasiosa aonde quer que fôssemos. Eu gostava dos vestidos que a nossa riqueza e o nosso *status* nos proporcionavam. Eu podia entrar em qualquer restaurante na capital e imediatamente pegar a melhor mesa. Nas nossas festas luxuosas, eu podia segurar o meu leque de pedrarias de uma certa maneira, lançar um olhar de forma displicente para o salão e, em menos de dois minutos, estar cercada de vinte das pessoas mais refinadas do lugar, com os seus amplos casacos de brocado e decotes profundos, todas desesperadas para me servir.

Essa era uma parte da minha vida que eu apreciava. Sentia uma satisfação enorme. Que garota não sentiria o mesmo? Eu era deslumbrante, rica e amada, e não teria desistido de nada daquilo, nem mesmo se significasse trazer a mamãe e Mara de volta. Mesmo que algum artífice de olhos de diamante da Antiga Nação viesse a Ivyhill e me oferecesse um novo corpo, forte, livre de doença, medo ou estranheza, e em troca eu apenas precisasse viver uma vida humilde, mas tranquila, em uma fazenda em algum lugar no interior — ainda assim eu riria na cara dele e faria com que o papai o expulsasse das nossas terras.

Do nada, a história sobre o meu apelido na família surgiu na minha mente. Quando tinha três anos de idade, Mara, que insistia em falar com a maior frequência e empolgação possíveis, certa noite havia lutado com o meu nome de uma forma tão espetacular que “Imogen” rapidamente se tornou “Immie”, depois “Genna”, depois “Gemma”, que afinal pegou. Sentindo-se vitoriosa por ter resolvido o problema daquela palavra, a pequena Mara deu um soco na mesa, catapultando uma colherada de purê de vegetais no colete do nosso pai, e gritou com entusiasmo:

— Gemma!

Imaginando a cena, o meu coração se partiu em mil pedaços — e mesmo assim, se houvesse oportunidade, eu não trocaria a minha vida boa pela liberdade de Mara.

Essa covardia egoísta era o meu segredo mais terrível e profundo. Eu não o dividia com ninguém, nem mesmo com a minha melhor amiga, Illaria. Farrin teria me desprezado por pensar assim. Ela provavelmente suspeitava da verdade e me desprezava do mesmo modo.

Ela desprezava muitas coisas, Farrin, mas nem sempre fora desse jeito.

Nessa manhã de primavera, enquanto nós três caminhávamos pelo labirinto de cerca-viva salpicado de orvalho logo antes do amanhecer, olhei de lado para Farrin, tentando encontrar no seu rosto claro um vestígio da garota risonha que ela já fora. Maços e queixo angulosos, uma boca pequena e tímida, que na maior parte do tempo estampava uma linha fina de desagrado. Cabelos dourados como mel, um pouco mais escuros do que os meus, penteados sem elegância, presos atrás em uma trança desleixada. Olhos castanhos, assim como os do nosso pai e de Mara. Um semblante sério que nunca parecia relaxar e assumir um ar jovial — pelo menos, não mais. Ela ficaria com rugas em um ano se não tomasse cuidado, e se continuasse a evitar qualquer tipo de encantamento. Em criança, Farrin sempre fora séria, mas nunca amarga, e jamais cruel. Agora, aos vinte e quatro anos, Farrin era feita de espinhos.

Logo antes de passarmos pelo atalho verde, ela percebeu que eu a observava. A sua boca afinou.

— Será que não me arrumei o suficiente esta manhã para satisfazer os seus padrões? — disse ela, rispidamente.

Em resposta, exibi o sorriso mais doce que consegui, embora o meu peito estivesse apertado de raiva. Em uma manhã comum, eu não faria outra coisa senão me encolher diante do golpe da língua ferina de Farrin, mas visitar Mara sempre me fazia sentir frágil como vidro antigo.

Depois de uma garota ter condenado a irmã a uma vida de servidão, não apreciava as horas em que deveria encarar a tal irmã.

— Você está deslumbrante, como sempre, minha querida. — Segurei as bochechas de Farrin. — Um modelo de bom gosto, elegância e atitudes refinadas.

Em seguida, olhei enfaticamente para o seu vestido bastante sério — cinza ardósia com gola alta, botões bem pequenos nos pulsos e na garganta, sem nenhum enfeite de renda ou fita. Ninguém usava vestidos assim havia décadas. Eu me lembrava bem: o continente inteiro de Gallinor de repente ficara fascinado com a Ordem da Rosa e começara a imitar as Rosas reclusas, recatadas. Eu detestara aqueles poucos meses. Com dez anos, eu já estava sem a minha irmã havia dois anos, e a minha respiração ficava presa dolorosamente na garganta toda vez que eu vislumbrava alguma debutante risonha vestida com o austero cinza da Névoa do Meio. Kerrish, a minha estilista — uma antiga víbora com olhos e mãos de aço —, me informara então que tais obsessões com a Ordem se espalhavam em Gallinor com uma certa regularidade. A fixação coletiva aparecia em todas as artes, da alfaiataria à culinária.

Farrin deixara de se importar com essas coisas fazia muito tempo. *Ostentação e moda são suas especialidades, Gemma*, ela dizia, com um sorriso tão falso quanto o meu.

Porém, antes que ela pudesse tomar fôlego para responder, antes que o papai pudesse me repreender por provocá-la, virei-me de costas com uma risadinha

descontraída e fechei os olhos. Ignorando a dor subindo aos trancos pela minha espinha, com uma força que eu sabia por experiência própria que me machucaria, estendi o braço para alcançar uma cerca-viva próxima, grossa e brilhante com hera enrolada.

A meu toque, o verde deu lugar a uma corrente de ar fria e forte que envolveu completamente a minha mão. Conforme eu penetrava nesse puxão ávido, esperava que dessa vez fosse diferente. Na certa, dessa vez, alguma coisa dentro de mim mudaria — rezei desesperadamente para os deuses. Eu não mais adoeceria com o toque dessa magia. Sairia do atalho verde tão segura e despreocupada quanto Farrin e o papai, ambos logo atrás de mim.

A repreensão severa do meu pai me perseguia na escuridão. A magia do atalho verde distorcia a voz dele, primeiro tornando-a mais profunda, depois a emudecendo, em seguida deixando-a tão estridente e aguda quanto a de um gao zangado. Mesmo sem entender as palavras dele, eu sabia quais seriam.

Gemma, você sabe que nunca deve entrar no atalho verde na frente. Você deve sempre seguir a mim ou Farrin.

Gemma, como pôde ser tão imprudente, se arriscando a adoecer e preocupar Mara?

Gemma, você sabe que essas regras existem por um motivo — para protegê-la.

O atalho verde me liberou com um pequeno empurrão violento, e caí de frente no chão, em uma área densa de trevos verdes nos fundos do jardim de Rosewarren. Ele ficava escondido da casa por um muro de pedra e um portão de ferro, este último entrelaçado com pesadas trepadeiras de flores de inverno.

Anos antes, quando a Guardiã levou Mara, meu pai havia contratado um elemental para realizar uma magia que fizesse com que esse grosso emaranhado de flores sempre soasse e tilintasse como pequeninos sinos de inverno para ocultar a nossa chegada. Aqui, a minha família podia emergir do atalho verde sem ser vista nem ouvida. As pessoas pensariam que tínhamos simplesmente passeado pela longa estrada sinuosa de terra que levava montanha acima a partir da via principal. Elas nunca saberiam sobre a magia verde — rara e caríssima — que nos permitia viajar instantaneamente da propriedade da nossa família, Ivyhill, até o priorado de Rosewarren. Elas não saberiam, mas desconfiariam, e ficariam curiosas, e, com os olhos brilhando, cochichariam com os amigos.

Afinal de contas, nós éramos Ashbourne.

Enrolei os meus dedos em volta de frias moitas de trevo, engolindo forte para conter a ânsia de vômito. Eu não permitiria, não desta vez. Eu me levantaria, alegre e sorridente, e o papai e Farrin teriam que admitir que as regras eram ridículas. Eu não precisava mais de proteção. O meu corpo havia se curado sozinho. Eu agora seria capaz de estar perto de magia, de trabalhar com magia, de *ser* magia — como sempre aconteceu com todas as outras pessoas da minha família — sem problemas.

Impulsionei-me para cima. Com um sorriso, me virei para ver Farrin e papai aparecerem. Eu estava determinada a enfrentar a dor, embora o meu estômago estivesse se revirando, e o meu peito, queimando.

Porém, naquele momento, papai e Farrin emergiram da boca do atalho verde, e a magia deles se ondulou na minha direção como o rastro de um barco se deslocando rápido na água. A onda me atingiu no estômago, dura como socos — um do meu pai, dois de Farrin.

Estrelas de dor surgiram nos meus joelhos e ombros, nas minhas costelas, atrás dos meus olhos. As minhas pernas bambearam, e eu caí de volta nos trevos, toda tremendo, e imediatamente vomitei aos pés do meu pai.

Ele permaneceu imóvel até eu terminar. Em seguida, depois de apenas uma leve hesitação, aproximou-se de mim, em silêncio, a pontada da sua decepção me puxando como um gancho na minha boca. As mãos que me ajudaram a me sentar limpavam o meu rosto, afagaram as minhas costas até eu me acalmar — as mãos eram de Farrin. Sempre, por mais raiva que ela sentisse, por mais que eu tivesse testado a sua paciência ao máximo, lá estava Farrin.

Eu me permiti me recostar no seu ombro, retendo as lágrimas. Cada respiração que eu dava reavivava a sensação de enjoo dentro de mim. Até mesmo o bater dos meus cílios provocava uma dor crescente pelos meus ossos.

— Acho que você não vai tentar isso de novo por um bom tempo, não é, Gemma? — comentou o meu pai de perto do portão de ferro, nem uma ponta de triunfo na voz. Ele estava cansado, eu sabia. Ele me amava, e eu o deixava cansado.

Farrin o olhou com raiva por cima do meu ombro. Eu podia vê-la ficando tensa, juntando os seus aparentemente intermináveis estoques de fúria, e eu soube que o que quer que ela dissesse só pioraria tudo.

Apertei a sua mão uma vez, depois inspirei profundamente e me levantei, ajeitando as dobras de seda do meu vestido. Tenho que admitir que me alegrou saber que, embora tivesse acabado de vomitar na terra, eu estava resplandecente naquele vestido — azul-turquesa com flores bem pequenas bordadas pelo corpete; um decote que exibia o meu colo perfeito e sedoso; uma faixa larga de renda que acentuava a minha cintura muito fina. Os meus cachos dourados estavam presos em um coque frouxo com fitas de cetim de um rosa bem claro.

Eu era a imagem da primavera em plena floração, e sabia disso. Nem mesmo o enjoo que rugia dentro do meu corpo traiçoeiro podia tirar aquilo de mim.

— Obrigada por esperar, querido pai — agradei, suavemente.

Passando por ele, atravesssei o portão e subi o caminho em direção a Rosewarren, tentando ignorar o puxão frio e irritado do atalho verde escondido atrás de mim nos arbustos. Eu podia senti-lo consumindo o que quer que ele tivesse tirado de mim — não maldoso, apenas selvagem. Até que a dor desse dia tivesse desaparecido e eu mais uma vez quebrasse as regras do meu pai, aquele emaranhado de verde iria se contentar em esperar, paciente e adormecido, por mais um gostinho.

COMO MARA AINDA ESTAVA NA NÉVOA EM PATRULHA, FOMOS FORÇADOS a almoçar com a Guardiã na sua sala privada — um lugar bastante agradável, como tudo em Rosewarren. A Guardiã era reconhecidamente rigorosa, só permitia às Rosas sob o seu comando determinados tipos de alimentos, trajes, lazer. Mas o priorado em si era repugnantemente luxuoso, projetado para impressionar e humilhar.

A sala privada da Guardiã ostentava vigas de madeira em arco pintadas de um vermelho amarronzado intenso, cada tábua elaboradamente entalhada com trepadeiras, pássaros e rosas. Janelas de vitrais representavam guerreiras memoráveis de gerações passadas, algumas lutando, outras rezando. Os móveis eram pesados e antiquados, monstruosos em tamanho e extravagantes em ornamentações, repletos de almofadas de veludo com franjas, em tons de esmeralda, vermelho, âmbar e violeta. Estantes do chão ao teto abarrotadas de milhares de livros cobriam todas as paredes. Aquela visão deveria me agradar devido ao meu amor por histórias, mas, em vez disso, sempre me deixava ligeiramente tonta. A minha imaginação invocava imagens de paredes ficando cada vez mais altas, mais largas, os livros se multiplicando, milhares se tornando milhões, e então desmoronando pelos salões em uma torrente de papel e tinta. Acabariam consumindo o priorado e as florestas antigas e estranhas que o cercavam, empurrando para a terra escura qualquer pessoa com azar suficiente para morar lá — incluindo Mara.

Eu me forcei a comer um biscoito amanteigado amolecido por um chá perfumado de ervas. Apenas as Rosas eram privadas dessas pequenas delicadezas; para os seus convidados, para as famílias das suas guerreiras quando as visitavam, a Guardiã não poupava esforços no quesito hospitalidade.

Agora ela estava debruçada sobre a mesa com Farrin de um lado e o meu pai do outro, todos eles inclinados atentos sobre mapas recém-desenhados da Névoa, presos e esticados pelos resquícios do nosso almoço.

— Como podem ver — a Guardiã ia dizendo com a sua voz fria e entrecortada —, essas novas rotas de patrulha aqui e aqui vão fortalecer a Névoa ao longo de todo o sudeste.

O meu pai apontou para o local mencionado.

— E quantas Rosas estão baseadas lá a qualquer hora?

— Uma dúzia. Mais do que o nosso contingente normal, mas, como o senhor sabe, foram avistados mais invasores de Marrowgate a Cawder nos últimos seis meses.

— Invasores? — Farrin ergueu o olhar. — Que tipo de invasores, exatamente?

A Guardiã pareceu não se incomodar com a rispidez na voz de Farrin.

— Temos ouvido relatos recorrentes de um grupo de mulheres monstruosas que percorrem o campo sequestrando civis. Mas a senhorita sabe como as

peessoas podem ser histéricas. — A Guardiã ergueu uma única sobranceira, com desdém. — Qualquer sombra dentro de uma faixa de oitenta quilômetros na Névoa do Meio deve significar a presença de algum monstro Antigo. Não importa que as pessoas desapareçam o tempo todo por motivos menos sinistros.

Farrin segurou a mesa com força, as articulações brancas.

— E é para aí que Mara vai na próxima missão?

— Claro. Mara é uma das minhas melhores garotas. Ela vai para onde houver maior necessidade.

O meu pai cruzou os braços, balançando a cabeça em admiração.

— Quem teria imaginado? A nossa pequena Mara, rainha das Rosas.

O seu sorriso presunçoso me deixou enjoada, embora tenha avivado o seu rosto abatido. Um pensamento distraído cruzou a minha mente: da próxima vez que Kerrish visitasse Ivyhill, eu ia encomendar um encantamento para suavizar o rosto do meu pai e iluminar a sua pele. Lorde Gideon Ashbourne, senhor de Ivyhill e uma notável sentinela Consagrada, realmente não devia parecer tão bruto.

Prontamente, a repulsa se infiltrou nos meus devaneios. Naquele momento, eu me odiei até mais do que a Guardiã, até mais do que o meu pai, que parecia imensamente satisfeito de escutar que a sua filha aprisionada estava cumprindo as suas funções obrigatórias tão bem. Eu não era melhor do que ele, distraída como estava com os meus pensamentos sobre encantamentos, quando deveria estar pensando em Mara. Apenas lá, perto da Névoa, eu me permitia duvidar da minha essência, do valor das coisas que eu amava.

Eu detestava a Névoa. Eu detestava a Guardiã.

Algumas vezes detestava até mesmo Mara.

Se ela não tivesse sido tão forte, tão ágil, veloz e irresistível para a Guardiã anos antes, quando tinha dez anos, e eu, somente oito, *eu* estaria na Ordem no seu lugar. Porém, Mara sempre fora tão atlética, tão cativantemente delicada em termos de afeição, e eu tão pateticamente debilitada. Nem mesmo a Guardiã pôde contestar a tradição quando se viu diante de nós duas. Ela praticamente salivara assistindo à pequena Mara lutar com o nosso pai, aguentando firme contra uma sentinela trinta anos mais velha.

E agora, doze anos depois, eu era a irmã com a vida radiante, mimada e paparicada, silenciosamente morrendo de culpa, enquanto a pobre e azarada Mara podia ficar tranquila em Rosewarren, segura por reconhecer a sua própria nobreza.

Nas noites em que deixava esses pensamentos me consumirem, o meu corpo transbordando do ressentimento que Mara não merecia, eu perdia o sono.

A Guardiã deu ao meu pai o menor sorriso possível, sua pele clara e firme mal se movendo. Eu achava que nunca havia visto aquela mulher parecendo genuinamente feliz, não que eu a culpasse. A única pessoa no mundo de quem eu sentia mais pena do que de mim e de Mara era a Guardiã da Névoa, condenada

a passar a vida vasculhando na neblina cinza e agitada à procura de monstros e mandando garotas gallinoranas boas e fortes para a morte.

Autopiedade, ódio e a pontada amarga da vergonha — esses eram os sentimentos que eu conhecia mais intimamente. Que criatura patética eu era.

— Mara não é bem uma rainha, lorde Ashbourne — retrucou a Guardiã —, mas ela é sem dúvida uma guerreira impressionante.

O sorriso do meu pai se alargou. Farrin e eu trocamos um olhar cortante. Nós sabíamos no que ele estava pensando.

Essa era uma coisa da qual a família Bask não podia se gabar — de ter uma filha no alto escalão da Ordem da Rosa.

De repente não consegui mais suportar ficar naquele recinto. Lá estávamos nós, examinando mapas em uma sala de veludo, tomando chá e biscoitos, o meu pai com aquele ar satisfeito como se de fato estivesse pensando não nas filhas, mas nos malditos *Bask* — tudo aquilo enquanto Mara vagava pela Névoa, caçando invasores da Antiga Nação, cada um mais perigoso que o anterior.

A minha garganta ficou apertada e quente, eu me levantei da mesa e afundei em uma reverência.

— Se me derem licença — murmurei.

Naquele vestido em particular, a combinação da minha voz excessivamente formal e da soberba imagem do meu corpete teria encantado ao máximo qualquer outra pessoa, independentemente do gênero ou do posto.

A Guardiã, entretanto, nem me dirigiu o olhar. Ela se inclinou por cima da mesa, de costas para mim, o seu corpo alto e esguio naquele vestido preto rígido, os cabelos escuros presos em um coque apertado na nuca. Ela disse alguma coisa para Farrin e meu pai, mas o sangue rugindo nos meus ouvidos distorceu as suas frases assim como o atalho verde teria feito. A minha pele começava a formigar e esquentar, o ar parado e perfumado da sala se fechando próximo demais. O meu leve vestido primaveril de repente pareceu tão apertado a ponto de me sufocar.

Saí correndo do recinto, não me importando nem mesmo em impedir que a porta batesse, disparei pelo corredor e virei em algum lugar, desesperada para achar um canto silencioso onde pudesse me recompor — e corri direto para um borrão de cor e perfume que eu imediatamente soube que era Mara. A pele clara e os cabelos castanhos da minha mãe, olhos enormes e escuros como os de uma corça alerta, o cheiro penetrante e forte de terra e livros velhos.

Mara me apanhou antes que eu caísse, as suas mãos calejadas e quentes. O seu toque firme e forte foi como um alfinete em uma bolha na minha agitação crescente. A minha respiração explodiu e os meus joelhos vacilaram, e antes que eu percebesse, estava nos braços de Mara — eu, a caçula mimada que apreciava o tipo de vida confortável que deixava a minha pele lisa e macia como no dia em que nasci, chorei no colo da minha irmã serena e resignada, que por doze anos era praticamente uma prisioneira.

Era injusto da minha parte, até mesmo revoltante. Mas Mara nunca me repreendeu, embora tivesse mais direitos do que qualquer um. Ela simplesmente me conduziu para fora da casa, pelos jardins, até uma capela de pedra toda coberta de hera devotada a Kerezen, a deusa dos sentidos — a nossa deusa, a que Consagrou os nossos ancestrais com poder. O ar estava frio ali, a humilde construção circular cercada por carvalhos grossos. Mara me levou a um banco de pedra, onde se sentou ao meu lado em silêncio até eu controlar a respiração.

— Obrigada — finalmente sussurrei.

— Me conte o que houve — ela pediu. — Foi o pânico?

Eu podia ter chorado de novo ao ouvir a sua voz — doce e baixa, delicada como um gatinho. Como eu sentia saudade daquela voz... Me sentia impotente, sorrindo um pouco com o nosso velho nome dado para as minhas frequentes crises de medo e falta de ar sem explicação. *O pânico*. Limpei o rosto com a minha manga de *chiffon* esvoaçante. Jessyl, a minha dama de companhia, teria me matado por manchar o tecido de ruge, mas eu mal me importava naquela hora.

— Eu deveria era perguntar como você está, e não ficar aqui choramingando em cima de você, Mara. Deuses, não acredito que já passou um mês inteiro desde que nos vimos pela última vez.

Mara encolheu os ombros.

— Estou como sempre. Prefiro ouvir o que a preocupa. Farrin disse algo cruel? O papai perdeu a cabeça de novo?

Dessa vez a minha risada foi um pouco mais forte. Olhei para cima, pronta para transformar a minha angústia em alguma história inteligente, alguma coisa que fizesse Mara soltar a sua risada rouca que eu tanto adorava — mas quando olhei nos olhos dela, o que vi me chocou e me silenciou.

Agora que eu recuperara alguma estabilidade, vi que cortes vermelhos e inflamados marcavam o rosto de alabastro da minha irmã e serpenteavam descendo pelo pescoço, abaixo da gola da sua túnica sem graça cor de terra. Ela balançou os cabelos por cima das partes mais afetadas, mas nem mesmo as grossas ondas castanhas de Mara poderiam esconder o que eu tinha visto.

— Mara... — sussurrei.

Ela não me encarava. Fitava o chão da capela com uma calma inquietante.

— Parece pior do que é.

Soltei uma risada aguda.

— Ah, não. Você não vai me convencer, não desta vez. Venha, vamos falar com a Guardiã sobre isso.

Agarrei a mão dela, tentei puxá-la para se erguer do banco. Mas longos anos de serviço haviam deixado Mara forte, magra e com uma vontade firme como ferro. Era como tentar mover uma montanha.

— Vai ficar bom rápido. — Ela me olhava com firmeza. — Você sabe que vai. Sempre fica.

— Mas é o pior que já vi!

— Bem, você viu muito pouco da minha vida aqui.

Ela não falou aquilo de maneira indelicada, mas ainda assim as palavras me partiram o coração. Eu me levantei e tentei parecer autoritária.

— Não existe uma cláusula no contrato exigindo que a Guardiã forneça proteção adequada às mulheres sob os seus cuidados? Com certeza ela foi negligente e está violando o contrato. Levaremos você para casa. Venha, vamos falar logo com o papai.

Mara sorriu para mim, afetuosamente.

— Agora você pareceu Farrin falando.

Comecei a perceber que aquilo não levaria a lugar nenhum. Eu podia dominar um salão de baile cheio de admiradores, mas não conseguia me impor a nenhuma das minhas irmãs.

Ajoelhei-me na frente de Mara, segurei as suas mãos. Uma tática diferente, mais doce.

— Mara, por favor, me conte o que houve. Quem fez isso com você? Esse tipo de machucado é comum? Com que frequência acontece? Você já foi ver os curandeiros?

Mara soltou uma das mãos para afagar a minha face, ainda com o mesmo sorriso enlouquecedor de tão suave estampado no rosto.

— Você tem tantas perguntas. Por onde começar?

— Isso... isso dói?

Aquilo a surpreendeu. Vi no seu semblante: um mínimo vislumbre de uma tristeza enorme que escapou antes que ela conseguisse conter.

— Sim — Mara sussurrou. — Muito.

Aquelas palavras liberaram alguma coisa. Mara fraquejou um pouco, e notei linhas tênues em torno dos seus olhos e da sua boca — algo que eu não vira antes. Isso me assustou ainda mais do que os machucados, e a envelheceram em um instante. Bem diante dos meus olhos, pude ver a minha irmã de vinte e dois anos de idade se tornando frágil e velha, toda a vida arrancada para fora dela por esse lugar desprezível.

Então Mara começou a falar, e a sua voz mudou — cuidadosa, baixa. Os seus olhos castanhos se fixaram nos meus, me deixando atenta ao máximo.

— Preciso falar uma coisa — ela começou, devagar. — Uma coisa que você não pode contar ao papai. Ainda não. Mas conte para Farrin. Diga para ela pedir a Gareth para vir da universidade, e fale com os dois ao mesmo tempo. Não confio no correio, nem mesmo em um mensageiro dominador de animais, não em relação a isto. Certifique-se de que não tem ninguém por perto escutando. Talvez vocês três juntos possam fazer algo antes que seja tarde demais.

Mara riu um pouco, baixo, como uma respiração presa.

— No mínimo, os segredos que eu carrego vão pesar menos em mim quando você e Farrin dividirem o fardo comigo. — Então ela franziu a testa, desviando o olhar. — Todas as armas nas palmas das minhas mãos, e ainda assim elas estão atadas há muito tempo...

A expressão dela era tão distante e estranha, mudando de medo para tristeza, para raiva, que o meu sangue congelou de pavor.

— Não estou entendendo, Mara. Antes que seja tarde demais? Tarde demais para quê?

Ela caiu em silêncio, fitando o chão.

Toquei no seu queixo e a fiz me encarar.

— Mara, me conte agora o que você precisa contar.

Todavia, antes que ela conseguisse falar, um clangor de sinos explodiu do priorado, tão repentino e estridente que quase pulei com o susto.

Mara se levantou imediatamente, o cansaço desaparecendo. Ela se aproximou de mim, tensa e encolhida, a palma da mão se posicionando sobre a adaga na sua cintura. Um grito de falcão perfurou o ar, e Mara sussurrou:

— *Freyda.*

Em seguida, sem olhar para mim, ordenou com firmeza:

— Vá para dentro do priorado, Gemma. *Agora.*

Em seguida, Mara correu para fora do templo e desceu a montanha, as suas passadas líquidas e longas, passos quase silenciosos. Eu devia ter obedecido — ah, eu devia ter obedecido —, mas não conseguia esquecer aquela expressão horrível no seu rosto ou o tom apavorado da sua voz. E eu sabia o que aqueles sinos significavam.

Um invasor, como a Guardiã os chamava. Uma criatura ou um ser da Antiga Nação tinha deslizado pela Névoa do Meio, em algum ponto ao longo de seus mil e seiscentos quilômetros de extensão, abrindo uma brecha entre aquele reino e o nosso, fosse por acidente ou de propósito.

Para a Ordem da Rosa, a razão não importava. Invasores eram enxotados de volta ao lugar a que pertenciam, ou mortos. Sem exceções. Sem demora. Quando os sinos tocavam, as Rosas atacavam.

E se eu não agisse imediatamente, talvez nunca ouvisse o que Mara queria falar. O momento se perderia — ela fingiria ignorância e jamais comentaria sobre aquilo de novo, ou algo terrível aconteceria a ela, que perderia totalmente a oportunidade.

Antes que seja tarde demais, ela dissera. Palavras que eu sabia que precisava levar a sério, não importava o que me custasse.

Desci correndo a montanha atrás da minha irmã, desajeitada com as minhas botas e o meu vestido, impulsionando as minhas pernas finas com o máximo de velocidade que conseguia.

— Mara! Espere! O que você precisava me dizer?

Mara girou rápido a cabeça e gritou:

— Vá para dentro, Gemma!

Outras mulheres vinham surgindo do lado de fora do priorado — algumas mais novas do que Mara, outras mais velhas, todas elas graciosas de uma maneira impossível enquanto saltavam pelas árvores em direção ao denso rio prateado que fazia fronteira com os jardins.

A Névoa do Meio.

O meu sangue congelou enquanto eu as observava — os rostos insensíveis, as mãos segurando aljavas de flechas, sabres, bestas. Eu sabia que devia parar, que eu não deveria ver o que ia acontecer a seguir, mas tinha de saber o que Mara precisava me falar. Eu não podia voltar atrás, para aquele dia doze anos antes, e impedir a Guardiã de levá-la, mas eu podia fazer isso.

A Névoa não estava longe agora. O meu corpo paralisou de medo quando me aproximei do seu véu reluzente, mas me obriguei a seguir, ignorando os gritos de Farrin e do meu pai a alguma distância atrás de mim. As suas vozes desesperadas me mandavam parar, me imploravam para parar.

Dúzias de Rosas se lançaram no ar ou saltaram pelas árvores, os seus corpos se transformando diante do meu olhar perplexo — alongando, aprimorando, inchando. Pés descalços endureceram em garras escamosas. Das mãos segurando armas brotaram garras terríveis. Enormes asas de tons preto, cinza e marrom manchado irromperam das escápulas de cada mulher. Os seus corpos em transformação rasgaram todas as suas roupas, os retalhos de tecido flutuando para o chão como penas caindo; e então me ocorreu, arrancando uma gargalhada ofegante de mim, por que todas as Rosas usavam vestimentas tão simples e surradas. Qual era o sentido de usar roupas elegantes se elas seriam destruídas toda vez que os sinos tocassem?

Como eu era boba — jamais considerara a praticidade daqueles trajés, somente a falta de graça.

Logo antes de mergulhar na Névoa, inspirei e preendi a respiração, me preparando para o que viesse.

Não me decepcionei.

Enquanto a Névoa me atingia, me banhando com uma frieza estranha e suave, uma agonia me rasgou como nada que eu já tivesse sentido antes. O puxão violento do nosso atalho verde não era nada em comparação com aquilo. A Névoa tinha mil dentes implacáveis, e todos eles cavavam a minha pele, os meus músculos, os meus ossos.

Cambaleei, tonta e enjoada, e me apoiei contra uma árvore. Lutando contra o choque da dor, procurei loucamente por Mara, desesperada para encontrá-la antes que a escuridão que formigava e invadia a minha visão me engolissem por completo.

Contudo, enquanto eu estava lá, um coro horrível de guinchos atacou os meus ouvidos — primeiro, apenas alguns, depois dúzias, ferozes e claramente não do nosso mundo. O som intensificou a minha dor. Apaguei por um instante e caí de quatro na terra. Arfei tentando respirar, sem entender o que eu ouvia.

Eu pensava que Mara e as outras viajariam por um dos atalhos verdes do priorado para qualquer lugar na Névoa que tivesse sido invadido, por mais distante que fosse, mas esses gritos bestiais soavam perto e se aproximando. Invasores tão próximos de Rosewarren? Impossível. Inédito. Quando os deuses criaram a Névoa do Meio, logo antes das suas mortes no dia da Destruição, eles asseguraram que o território da Névoa perto do priorado fosse extremamente forte. Um prêmio de consolação final para quem estivesse condenado a servir ali.

Os invasores nunca conseguiram alcançar os terrenos de Rosewarren, nem mesmo a cidade próxima ou qualquer povoado em um raio de cerca de quinze quilômetros quadrados. Mas eles estavam ali agora, e isso só podia significar uma coisa: a Névoa do Meio, criada e fortalecida pelos próprios deuses, estava perdendo a força.

Porém, será que perdia força apenas ali, perto do priorado? Eu esperava que sim, apesar do perigo para Mara. A alternativa era horrível demais de se imaginar.

Por toda parte ao meu redor, as Rosas se chamavam na sua língua estranha, um híbrido de idioma comum e quaisquer palavras em código que a Guardiã lhes houvesse ensinado. Eu reconheci apenas algumas: *Eles querem a garota! Tirem-na daqui!*

Um buraco se abriu no meu estômago, e os meus instintos berraram para que eu corresse. Não havia nenhuma dúvida de que a garota de quem elas falavam era eu.

Tentei me erguer, mas não consegui, as minhas pernas não obedeciam. Tentei atabalhoadamente encontrar alguma coisa, qualquer coisa — uma árvore ou uma rocha atrás da qual me esconder, alguma arma caída com a qual pudesse fingir que sabia atirar —, mas eu estava perdida na Névoa, o mundo à minha volta, opaco com um cinza escorregadio.

E então ouvi um grito de fúria, ao mesmo tempo humano e não humano, rompendo no seu desespero, distorcido, multiplicado, como se o som tivesse sido arranhado com garras e cada linha de sangue possuísse a sua própria voz.

Contudo, eu sabia a quem o grito pertencia, e o meu peito se apertou com força em volta do meu coração.

Uma figura imensa emergiu das árvores e se jogou à minha frente, me protegendo de qualquer inimigo que estivesse se aproximando, e emitiu aqueles guinchos perfurantes.

A minha respiração ficou presa na garganta.

Mara.

Eu nunca a vira se transformar; nenhum de nós tinha visto. Ela garantia que isso não acontecesse. Mas agora eu estava na Névoa, uma intrusa, e ela não podia se esconder de mim — os seus olhos dourados cintilantes, as penas e os cabelos escuros rebeldes caindo em cascata pelas suas costas, as enormes asas marrons brotando de músculos nus e tensos que ela não tinha pouco antes, no templo. A sua pele não era mais inteiramente humana, mas um mosaico de carne clara, escamas e penas lustrosas. O rosto era o seu próprio, mas mais anguloso, selvagem, coberto por uma pelagem aveludada e brilhante.

— Saia, agora! — ela rugiu as palavras, a sua voz transformada se partindo de dor e vergonha, e eu queria fugir (deuses me ajudem, eu queria isso como fugiria de um monstro em um pesadelo), mas não tinha mais controle sobre os meus membros. A dor era forte demais, o meu enjoo, intenso demais. Tentei me desculpar, mas a minha voz murmurou em vão.

Uma mão forte agarrou o meu braço, me ergueu, me ajudou a correr. Eu a deixei me guiar, confiando, feliz, porque estava me levando para longe daquela criatura que tanto era a minha irmã quanto não era. O ar clareou; a mão me conduzia para fora da Névoa, graças a todos os deuses, e quando a minha visão voltou a funcionar, vi que a mão pertencia ao meu pai. O semblante dele estava totalmente mudado — não mais um pai orgulhoso e vaidoso, mas em vez disso um caçador feroz, uma sentinela. O seu poder Consagrado fazia aumentar a sua força e agilidade, dava-lhe uma precisão infalível com qualquer arma que ele usasse.

Mas não havia necessidade de armas. A velocidade do meu pai era suficiente para nos salvar. Passamos em disparada pelo portão de ferro e fomos até o arbusto onde Farrin, parecendo pequena e pálida, esperava — o tinido alegre das trepadeiras de flores de inverno à nossa volta de repente soou comicamente absurdo —, e então mergulhamos na entrada do atalho verde. A magia do atalho verde girou em volta de mim, ansiosa para sentir o cheiro da Névoa na minha pele, mas naquele momento eu não me importava com a avidez do atalho verde, nem com a recente dor que formigava e se espalhava veloz pelo meu corpo.

Eu só conseguia pensar em Mara, no uivo do seu desespero, nas lágrimas correndo pelo seu rosto — mulher e ave, tanto impressionante quanto repugnante.

Aquela foi a segunda vez que eu me lembrava de ter visto a minha irmã chorar. A primeira foi no dia em que a Guardiã a levou; e, nos dois casos, as lágrimas de Mara — o seu medo e tristeza, a perda terrível irradiando dela como ondas agitadas — eram por minha causa.

2

NO MOMENTO EM QUE BOTAMOS O PÉ FORA DO ATALHO VERDE E ENTRAMOS nas elaboradas entranhas do nosso labirinto de cerca-viva, o meu pai me empurrou para longe. Perdi o equilíbrio e caí no chão, e nessa hora Farrin não me ajudou.

Ela ficou parada na boca do atalho verde, emoldurada pelas trepadeiras tremeluzentes, os braços rígidos dos lados e as mãos bem fechadas, com raiva. Um olhar

para aqueles brilhantes olhos castanhos foi mais do que suficiente. Em vez de me concentrar nela, procurei o meu pai, cujas explosões de ira eram de curta duração.

Naquele dia, entretanto, foi diferente. Em um silêncio tempestuoso, ele deu alguns passos, se afastando. O caramanchão de ferro envolto com hera que cobria essa parte do labirinto desenhava faixas de sol e sombra na cauda esvoaçante do seu casaco.

Eu o observei por entre os cachos despenteados dos meus cabelos, que tinham se soltado das fitas que os prendiam. A cada respiração, as minhas costas pareciam pegar fogo.

— Me desculpe... — comecei, mas o meu pai girou e apontou para mim, furioso.

— Não ouse se desculpar! — ele me interrompeu, com rispidez. — Qualquer coisa que você possa oferecer como desculpa para esse espetáculo imperdoável só vai servir para me deixar mais irritado. Garota idiota, egoísta!

O meu pai se virou, passando a mão nos cabelos, bem parecidos com o de Farrin, castanho-dourados, levemente ondulados, e depois se voltou de novo para mim.

— A Névoa, Imogen? Nas suas condições?

Ouvir aquilo me deu um impulso para me pôr de pé, mesmo com toda a instabilidade.

— Eu não me machuquei, pai. E quanto àquilo que estava atacando o priorado, seja o que for? E quanto a Mara?

— Mara, a Névoa, o priorado... Nada disso é da sua conta. “Não me machuquei”, você diz? E como sabe? Nenhum de nós sabe! — Ele fez um gesto com o braço abarcando a si mesmo, a mim, Farrin, a nossa propriedade extensa. — Nenhum curandeiro conseguiu tratar você. Nenhum estudioso conseguiu encontrar um caso similar ao seu. Não sabemos qual magia vai passar inofensiva por você e qual seria fatal. E mesmo consciente disso, você correu, imprudente, para dentro da Névoa do Meio, justo o lugar mágico mais poderoso do continente.

Ele olhou para Farrin, incrédulo, como se para confirmar que estava certo no seu desprezo. Mas a minha irmã mais velha continuou em silêncio.

— Obrigada, sei muito bem que fardo sou para vocês todos. — Detestei o modo como a minha voz se enrolou em quase todas as palavras. — E eu não fui *imprudente*. Mara precisava me contar uma coisa importante, mas ela não conseguiu antes de os sinos começarem a tocar e...

Parei de falar, percebendo tarde demais como eu soava infantil, como eu tinha sido impulsiva.

O meu pai prosseguiu, com a expressão severa.

— Sim. Agora você entende, agora que já é tarde demais. Espero que sejam quais forem os espíritos maus que vivem na Névoa não tenham entrado em você, Imogen. Espero que não acorde berrando de noite porque alguma maldição Antiga está comendo as suas entranhas, pois eu preciso dizer que, neste momento, não

tenho a menor certeza de que eu iria correr para te acudir! *Deuses*. — Ele olhou para o caramanchão de uma maneira amarga. — Às vezes acho que a sua mãe teve uma ótima ideia indo embora antes que pudesse ver como você se tornaria insensata.

Farrin inspirou rápido e sussurrou:

— Papai...

Ele piscou para nós duas, primeiro sem entender. A febre sentinela ainda estava nele, atizada com força pelo perigo em que todos nós estivemos. O meu pai não conseguia evitar a raiva, não totalmente, e eu sabia. Uma vez desperta, a magia Consagrada no sangue dele que lhe dava as suas habilidades de sentinela dominava todo o resto do que ele era.

Porém, ele também era um homem adulto, quase sessenta anos de idade, e vivia com esse poder havia tempo suficiente para aprender como segurar a língua, mesmo com a violenta magia de guerreiro fustigando o seu corpo.

Encarando-o, eu mal conseguia respirar. A minha pele corou quente-fria, e senti um leve zumbido no ouvido, como se eu tivesse sido atingida com força nas têmporas. Não que eu alguma vez tivesse sido atingida com força nas têmporas, mas eu já lera centenas de romances nos quais alguém tinha sido, e imaginava que nenhum soco pudesse ser uma pancada mais forte do que as palavras do meu pai.

O rosto dele se entristeceu, o horrível aspecto abatido de volta. De repente, ele pareceu patético, apesar do colete e do casaco elegantes e da calça de corte perfeito. Até mesmo o seu bigode pareceu murchar.

— Gemma, eu não quis dizer isso — começou ele, estendendo as mãos.

Mas eu me recusei a escutar.

— Quis sim — rebati com firmeza. — Foi a pior coisa do mundo que o senhor poderia ter dito para mim, e nunca vou esquecer.

Então, corri, disparando para fora do labirinto e atravessando o terreno em direção aos estábulos. Nem Farrin nem o meu pai tentaram me impedir, e fiquei contente. Eu não queria ser consolada nem bajulada.

Quando me aproximei dos estábulos, vi Byrn, o nosso tratador de cavalos mais antigo, inclinado sobre uma cerca do padoque enquanto um dos seus aprendizes trabalhava com um potro. Byrn era um domador de baixa magia e o preferido de todos os nossos quatro cavalos — e da minha cachorra, Una, da raça fleethound, que estava deitada aos pés dele, as orelhas fofas em pé, me observando me aproximar. Byrn notou a minha presença logo depois. Eu devia estar uma imagem e tanto — os cabelos caindo sem forma, o vestido amarrotado e manchado, o rosto vermelho de chorar.

As sobranceiras brancas e cheias de Byrn se ergueram, mas ele não falou nada. Nós nos entendíamos, eu e ele. Farrin estava sempre ocupada administrando a propriedade, o meu pai era obcecado com a sua pequena guerra. Eu escutava para valer as histórias de Byrn quando o visitava, e tinha a mesma idade da sua amada neta que ele havia deixado na sua terra natal, Lumyra, e toda vez que o

pessoal da cozinha fazia bolos, eu levava um pedaço fresco e quentinho para ele. Eu evitava a maioria dos criados; eles já haviam me visto doente pela magia vezes demais para eu particularmente apreciar encará-los, a não ser que fosse necessário.

Mas de Byrn eu gostava. Ele era frescor, silêncio fácil e cheiro de cavalo, e nunca olhou para mim diferente de como olhava para qualquer outra pessoa. Naquele dia, ele não disse nada, não fez perguntas. Simplesmente preparou a minha montaria, uma linda égua tordilha cinza chamada Zephyr, e então deu um passo para trás para me deixar passar, a sua expressão preocupada tão doce e triste que tive vontade de chorar tudo de novo.

Antes que eu começasse, olhei para o outro lado e incitei Zephyr a iniciar um trote e depois um galopar macio. Una nos seguiu, as suas pernas compridas facilmente acompanhando o ritmo. Com as palavras do meu pai martelando nos meus ouvidos, fugi pelos jardins e escapei para dentro do santuário frio e abençoado da nossa arborizada reserva de caça. Os veados saíam correndo com a nossa estrondosa aproximação.

Insensata. Imprudente. Garota idiota.

Pisquei forte contra o vento, repetindo aquelas palavras para mim mesma sem parar. Melhor recordar a raiva do meu pai do que me lembrar da expressão no rosto de Mara quando me retraí para fora do seu alcance, boquiaberta com um pavor que não consegui disfarçar.

MAIS TARDE, QUANDO ILLARIA ATENDEU ÀS MINHAS BATIDAS NA PORTA da sua oficina, ela me fitou com olhos arregalados e me puxou para dentro da sua casa sem uma palavra.

Em dez minutos, a minha melhor amiga já tinha me acomodado na sua sala de leitura com uma xícara de chá de ervas, um prato dos meus *wafers* de chocolate preferidos polvilhados de açúcar de confeitiro, e uma velha colcha macia enrolada em volta dos meus ombros. Una mastigava com satisfação um osso perto da lareira, e eu sabia que Zephyr seria quase tão bem cuidada nos estábulos de Illaria quanto em casa — algo que eu nunca admitiria para Byrn.

A cadeira onde me aconcheguei era enorme e estofada de veludo azul. Muito tempo antes eu a tinha declarado como “minha”. Quando éramos crianças, e em todos os anos seguintes, Illaria e eu devorávamos um romance atrás do outro naquela sala. Os pais de Illaria eram prodígios de baixa magia, com talentos apurados para desenvolver aromas e um bem-sucedido império de negócios para administrar. Até considerarem que Illaria tinha idade suficiente para começar a sua aprendizagem oficial, ela e eu muitas vezes éramos largadas fazendo o que queríamos — ler, mexericar, praticar danças, treinar beijos. Essa sala, essa casa, às vezes parecera mais como o meu lar do que a minha própria casa. Aninhei-me nas almofadas macias e quase chorei de alívio.

Illaria se recostou na cadeira diante da minha, tirou as botas de trabalho com um chute e apoiou os pés descalços no banco com franjas à sua frente. Mesmo no fim de um longo dia supervisionando a sua oficina, o rosto sem maquiagem e as roupas rescendendo a aromas inebriantes demais para contar — café, sândalo, baunilha, rosas —, ela estava invejavelmente maravilhosa. Pele lisa cor de mel, uma profusão de cachos macios castanho-escuros, e olhos verdes penetrantes emoldurados por cílios grossos. Ela deixava até mesmo a sua calça simples de trabalho e o pesado avental de couro parecerem artigos da última moda.

— O que houve? — afinal ela disse. — Fale logo.

Escondi o rosto na minha xícara, desfrutando do vapor com aroma floral do meu chá.

— Esta combinação está divina. É sua?

— Claro. Todos os chás bons são meus. Todos os perfumes bons são meus. — Illaria balançou a mão. — Você não vai me distrair me bajulando. Conte o que aconteceu. Não é todo dia que você surge na minha porta parecendo que acabou de lutar para conseguir chegar à superfície de algum pântano fedorento.

Tomei um longo gole e fitei os dedos descalços dos meus pés.

— Podemos só ficar aqui sentadas em silêncio um pouco? Estou cansada.

Illaria arqueou uma sobrancelha elegante.

— Não posso imaginar por quê.

— Por favor, Lari. Só um pouquinho.

— Muito bem. — Por um momento, ela ficou quieta. Depois disse, brusca-mente: — Tudo bem, já passou um pouquinho.

— Quase nada.

— Pelos meus cálculos, foi um bom tempo.

— Bem, o seu cálculo está errado.

— Isso quase nunca é verdade. — Illaria colocou a xícara na mesa ao seu lado e me examinou, o sorriso suavizando. — Estou apenas preocupada com a minha amiga, só isso.

Fiz uma inspiração e depois soltei o ar devagar.

— Visitamos Mara hoje.

— Nunca é um bom começo.

— E estávamos esperando que ela voltasse da ronda, almoçando com a Guardiã...

— Madame Insuportável — Illaria interrompeu, calmamente. — Continue. Aquilo me fez sorrir um pouco.

— Não consegui aguentar ficar lá sentada naquela sala entulhada ridícula enquanto Mara estava fora em sabe-se lá que lugar pavoroso para onde ela tinha sido mandada. Eu não conseguia parar de pensar naquilo, e os pensamentos ficavam vindo sem cessar, e...

Olhei para o outro lado, ondas de vergonha me atropelando, me fazendo encolher. Odiava aquela sensação. Eu não era uma pessimista covarde. Eu era lady Imogen Ashbourne.

Porém, quando o pânico chegou, me reduziu a alguma outra coisa, alguma coisa que parecia totalmente desconhecida, como se uma força exterior estivesse se apossando de mim, me reformulando.

— E então o pânico apareceu — disse Illaria, com delicadeza.

Confirmei.

— E então o pânico apareceu.

Eu contei a resto — a conversa com Mara no templo, os sinos tocando. A Névoa do Meio, os gritos.

Mara, transformada.

O meu pai gritando comigo no labirinto de cerca-viva.

Quando terminei, se instaurou um silêncio que pareceu durar para sempre. Depois Illaria se levantou, tirou o avental e subiu na minha cadeira, se aconchegando contra mim. Fechei os olhos, deixando o calor do corpo de Illaria se impregnar no meu e escutando o fogo estalando. Una, agora dormindo de costas com as pernas para o ar, estava imersa em um sonho, arfando baixo.

Mara às vezes me abraçava assim durante as nossas visitas, quando a agenda dela permitia. Ela e Illaria eram as únicas pessoas que entendiam que muitas vezes aquilo era o que eu mais necessitava — ficar sentada em silêncio, sentir o toque delas, respirar em sintonia com elas até eu me encontrar de novo. Sem falar, sem perguntas preocupadas, sem olhares de piedade. Eu tinha aguentado mais do que o suficiente daquilo na vida.

Finalmente, Illaria limpou a garganta e mudou de posição. Os aromas da sua perfumaria emanaram da sua pele.

— O seu pai — ela declarou — é um idiota.

Eu ri. A sua indignação me reconfortou completamente.

— Ele nem sempre é assim.

— Mas hoje foi.

— Isso eu tenho que admitir.

— Ele devia saber que não é para perder a paciência com você. Ele é um homem adulto, pelo amor de deus.

Satisfeita, me aconcheguei nela.

— Exatamente o que pensei.

Ela fumegou em silêncio por mais alguns instantes antes de eu senti-la lentamente começando a relaxar.

— O que você vai fazer sobre Mara? A sua irmã não falou mais nada que desse alguma pista do que ela precisava falar?

Balancei a cabeça.

— Uma parte de mim acha que ela pode ter ficado feliz que o sino tocou bem na hora. Foi como se até mesmo começar a falar sobre o tal segredo fosse uma agonia para ela.

— Bem, me parece que a primeira coisa que você precisa fazer é outra visita assim que possível. Escreva para a Guardiã, peça uma licença.

Uma sensação de náusea apertou o meu estômago. Eu não conseguia me imaginar encarando Mara nunca mais, muito menos *assim que possível*.

Então, tive uma ideia.

— Uma festa — murmurei.

— Que festa?

Eu me sentei, me livrando da tristeza do dia como se fosse uma capa fora de moda. Podia ver o evento todo se desenrolando diante dos meus olhos — as faixas de luzes douradas, as cortinas transparentes nas janelas, as brilhantes travessas de prata repletas de bolos confeitados, a orquestra de cordas tocando uma valsa perto da parede de janelas no Salão de Baile Azul.

— *Minha festa* — anunciei. — Logo todo mundo vai saber do ataque tão perto de Rosewarren, mais perto do que jamais tinha ouvido falar, sem dúvida. As pessoas ficarão com medo e vão querer fazer perguntas. A histeria da Névoa vai se espalhar pelo interior.

— *Hist-évoa!* — Illaria exclamou, achando graça.

— E existe coisa melhor para desviar a mente de todo mundo em perigo do que uma festa grande, opulenta, de varar a noite?

— E qual é a maneira melhor para os Ashbourne exibirem a sua riqueza e o seu *status* na frente dos Bask? — Illaria acrescentou, com sarcasmo.

Eu a ignorei, abanando a mão. A guerra do meu pai com a família Bask era problema dele, não meu. Se a minha festa por acaso o satisfizesse e nos desse alguma vantagem naquela briga, melhor ainda. Ele e Farrin poderiam rir, tripudiar e conspirar tanto quanto quisessem. Eu garantiria o convite para os Bask, mas a minha contribuição terminaria aí. Eles nunca haviam me pedido ajuda em relação àquela guerra rancorosa e sem sentido entre as nossas famílias, e eu não estava prestes a começar a ajudar.

— Ah, que se danem os Bask — murmurei. — Essa festa vai ser para *mim*.

A voz de Illaria era quase inocente:

— E para todas as pessoas boas de Gallinor, a quem você quer tanto confortar nesses tempos incertos.

De novo balancei a mão distraidamente para ela.

— Claro, claro.

Era como se eu tivesse ficado presa em um inverno sombrio e de repente a primavera inteira se precipitasse de uma vez só. A minha visão se aguçou; os meus membros pareceram fortes e revigorados. Eu me levantei da cadeira e comecei a caminhar. Uma acordou e observou ansiosa os meus passos, sua cauda batendo no tapete.

— Amanhã, logo cedo, vou pedir para a sra. Rathmont começar a preparar um cardápio. — Comecei a conferir os itens com os dedos. — A orquestra... Não, algo menor, mais simples... O Octeto Ogwood, acho. Preciso agendar com eles logo. Ah, espero que estejam disponíveis. Estamos bem no meio da temporada de festas da primavera.

Girei, bati as mãos e olhei para Una, cuja cauda começou a abanar com mais intensidade assim que os meus olhos encontraram os dela.

— O meu vestido! Vou ter que pensar nele seriamente. Ele precisa transmitir o equilíbrio perfeito entre confiança, formalidade, júbilo e gratidão.

Não, não precisamos nos preocupar com aquele ataque em Rosewarren, pensei. Uma mera aberração. Sim, temos de homenagear devidamente a Ordem da Rosa, que lutou com tanta coragem. E sim, também precisamos comemorar com uma alegria desmedida o fato de estarmos todos vivos, seguros e protegidos pela graça dos deuses.

Agachei-me do lado de Una e peguei o seu comprido focinho branco.

— Pela visão, audição, paladar e tato, pelo cheiro do vento e a força dos meus membros, obrigada a Kerezen, deusa do meu corpo, criadora de ossos e sangue. E que seja assim para sempre. — Fui sussurrando a oração e fazendo carinho atrás das orelhas peludas de Una o tempo todo. — Sim, Una, minha garota, precisamos agradecer apropriadamente a ela e a todos os outros adoráveis deuses antigos, não é?

Atrás de mim, Illaria bufou.

— Acho que nunca ouvi você rezar com tanta convicção.

— Bem, é isso o que acontece quando se fica cara a cara com a morte — brinquei. — A pessoa sente uma gratidão renovada pelos deuses, pela vida e por tudo a que tem direito.

Una estava em um estado de puro êxtase, a sua barriga branca exposta para um carinho, mas o tom sério de Illaria me fez virar.

— Gemma... — Inclinada para a frente com os cotovelos nos joelhos, as mãos entrelaçadas, Illaria mantinha toda a atenção centrada em mim. — Uma festa é tudo de bom. Não tenho como me contrapor ao seu raciocínio, por mais que eu queira. O rumor do ataque vai se espalhar, e uma festa dos Ashbourne será uma coisa normal e familiar. Uma maneira de tranquilizar. E uma distração, dando tempo para a Guardiã e as Rosas fazerem o seu trabalho.

Triunfante, abri a boca para concordar, mas ela me interrompeu:

— No entanto, antes de você sair correndo para atacar o seu armário e reunir o seu pessoal, preciso falar duas coisas. Uma é uma pergunta. A outra, não.

Os sentimentos levianos passando dentro de mim diminuíram e encolheram, dando espaço mais uma vez às lembranças do meu dia horroroso — o desespero de Mara, as asas de Mara, a fúria do meu pai.

Recusando-me a lhes dar atenção, lancei a Illaria um sorriso tímido.

— Como você ficou misteriosa de repente... Continue.

Illaria soltou uma expiração forte.

— Você sabe que te amo. Sabe que fico feliz de me encontrar com você, escutar o que diz e segurar a sua mão durante mil ataques de pânico, se chegar a isso. Mas algum dia precisará realmente conversar com alguém além de mim sobre o que você está passando. Um curandeiro, uma enfermeira, um acadêmico... Alguém que possa ter algum conhecimento sobre o que significa quando o pânico surge tão forte e rápido que você não consegue respirar, comer ou dormir.

A sua expressão se suavizou.

— Eu nunca tinha visto você como hoje, Gemma. Você estava em frangalhos. Quando abri a porta, você não falava coisa com coisa. Chorava e lutava para respirar. Você por acaso lembra? Lembra-se de sair de Ivyhill montando Zephyr?

Eu a encarei. Lágrimas de humilhação se formaram atrás dos meus olhos, mas o meu sorriso as conteve. Dei de ombros. Eu não podia lhe contar a verdade: que eu me lembrava muito pouco do que havia acontecido entre eu montar Zephyr e inalar o vapor do chá. Aquele período de tempo era um abismo confuso de cores nítidas e um medo turbulento e irrefreável.

Illaria se aproximou e pegou a minha mão.

— Me prometa que vai pelo menos pensar nisso. Eu me recuso a acreditar que você é a única pessoa no mundo que se perde para um pânico que não consegue controlar. Alguém por aí entende o que você está sentindo. Alguém por aí pode ajudar muito mais do que eu.

Desviei o olhar, fitando a lareira até a minha visão clarear. Eu não suportava encarar o seu rosto meigo e franco por mais nenhum instante.

— Prometo — acabei por afirmar, a mentira praticamente um sussurro. Havia algo extremamente errado comigo, e eu nunca deixaria a verdadeira extensão daquilo extrapolar os limites daquela sala, não importava o que eu promettesse para a minha amiga.

Quando me recompus, tornei a fitá-la, os olhos secos.

— E a segunda coisa... A pergunta?

Illaria me examinou por um bom tempo. Depois segurou os meus ombros e disse com o máximo de seriedade:

— Você, Imogen Ashbourne, me dá a honra de adornar os seus pulsos e o seu pescoço com a minha mais nova fórmula na noite dessa festa sem-dúvida-lendária?

Fiquei tão aliviada que caí na gargalhada.

— Você está me dando a chance de apresentar para toda a sociedade de Gallinor o mais novo aroma da mestre perfumista Illaria Farrow? Como eu poderia recusar?

Ela se derreteu, sorrindo com a satisfação de um gato mimado.

— Você vai amar. Notas de lírio branco e pinho, uma pitada de sal marinho rosa, um toque fresco de maçã. É fresco, sedutor e surpreendente. — Ela empinou o queixo, afofando os cachos. — Bem como eu mesma.

Depois fez uma reverência, e eu a aplaudi com tanto gosto que Una se levantou com um salto e começou a latir, exuberante como um filhote. Illaria pediu chá fresco, e bebemos e conversamos, rindo noite adentro enquanto ela me regalava com o último mexerico das dramáticas vidas das suas aprendizes.

Mesmo então, no fundo da minha mente, eu agarrava com força as cordas de aço da minha determinação.

Promissora ou não, eu era uma Ashbourne. Uma Ashbourne doente, sim — frágil, exaustiva, um estorvo, uma decepção e carrasca involuntária da minha irmã do meio. A única da minha prestigiada linha de Consagrados a nascer sem magia desde que os meus ancestrais foram escolhidos séculos antes pela deusa Kerezen para receberem um pouco do seu poder.

Contudo, ainda assim eu era uma Ashbourne, rica e privilegiada, a grande beleza da minha geração. A minha festa seria o assunto do continente, como as minhas festas sempre eram — e o pavor vergonhoso que morava dentro de mim continuaria sendo um fardo só meu e de mais ninguém.

LEIA TAMBÉM



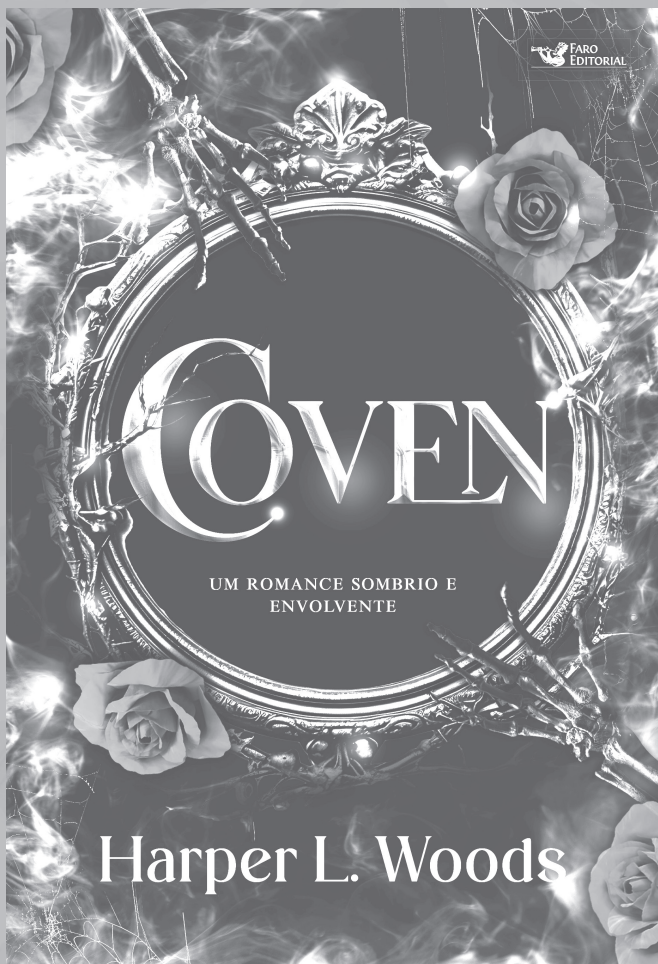
SCARLETT SCOTT



Duque
Implacável

CONFRARIA DOS CANALHAS • LIVRO 1

FARO
EDITORIAL



FARO
EDITORIAL

COVEN

UM ROMANCE SOMBRIO E
ENVOLVENTE

Harper L. Woods

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2024**